

## A PRÁTICA E OS SABERES ESCOLARES NA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA

Kaline Gomes Fernandes <sup>1</sup>  
Ceciliano Gomes Neto <sup>2</sup>  
Flávio Jacinto Almeida <sup>3</sup>

### RESUMO

A interdisciplinaridade entre antropologia e educação provocou novos estudos em torno dos processos educativos nomeando esse olhar como antropologia da educação, uma busca dos saberes e fazeres no ambiente escolar que reflete ou é reflexo dos comportamentos externos a escola. É nosso objetivo tecer questões no âmbito escolar sobre as culturas e identidades e sua relação com o processo educativo, de aprendizagem e socialização. Focando sob o olhar antropológico suas diferentes formas de moldar que refletem nos comportamentos dos agentes envolvidos no cotidiano da escola e da sala de aula, que permeiam os seus saberes e seus fazeres e que além de construídos no ambiente escolar, atravessam seus muros e são receptivas as relações exteriores a instituição escolar. Assim, a interdisciplinaridade ocorrida no processo de análise não se limite a prática e formação docente, mas ao cotidiano escolar, ao reconhecimento dos múltiplos conhecimentos para a compreensão dos fenômenos dispostos na escola e refletidos no ambiente familiar e social, assim como o inverso também. A escola e seus processos educativos são objeto de estudo com análises infundáveis e complexos, não sendo fonte esgotável, sobretudo quando a preocupação estiver ligada a diversidade cultural, haja vista este está em constante mudança e provocando mudanças concretas nos comportamentos humanos.

**Palavras-chave:** Educação, Antropologia, Cultura.

### INTRODUÇÃO

Os estudos antropológicos perpassam as distintas formas de relações sociais, suas implicações no comportamento humano e no seu reflexo com os grupos que os formam. Compreende as diferentes culturas e as coerências de cada uma quando analisadas a partir de seus próprios pressupostos permitindo, enquanto ciência, reconhecer a importância do outro, suas peculiaridades e conseqüentemente, suas diversidades culturais.

Dentre os inúmeros aspectos dessas relações que a ciência antropológica se deteve ao longo desses anos, podemos destacar a educação, instrumento estruturante da sociedade, responsável pelas relações de aprendizagem e de socialização. Evidente que a esta função, outras instituições também exercem importante contribuição, a família e a religião, por

<sup>1</sup> Mestranda do Curso PROFSOCIO da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [kaline\\_fernandes@yahoo.com.br](mailto:kaline_fernandes@yahoo.com.br);

<sup>2</sup> Mestrando do Curso PROFSOCIO da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [cecilianogomes@gmail.com](mailto:cecilianogomes@gmail.com);

<sup>3</sup> Mestrando do Curso PROFSOCIO da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [flavio sociais@hotmail.com](mailto:flavio sociais@hotmail.com);

exemplo, possuem papéis fundamentais para construção da identidade do indivíduo e estão nitidamente presentes nas diversas sociedades estudadas.

A antropologia termina por constituir-se enquanto esfera privilegiada para aprofundar a discussão em torno das relações educativas, por sua reconhecida capacidade de privilegiar e abordar a cultura em seu aspecto formador das sociedades humanas, tomando como objeto de estudo a cultura e o homem. Todo conhecimento adquirido ao longo dos anos, permite a ciência antropológica um olhar mais abrangente e descentrado sobre as condições humanas ao mesmo tempo em que possui uma percepção mais comedida sobre as complexas relações sociais na sociedade moderna. Sendo assim, “a antropologia é uma forma de educação, bem como a educação só é possível como prática antropológica (ROCHA, 2009, p. 17) tornando imprescindível e necessária os estudos de cunho antropológico sobre os processos educativos, como instrumento de alteridade e de reconhecimento.

Para Correa,

“a educação é uma prática social que não só simboliza como torna concreta uma dimensão eminentemente humana, dado seu caráter histórico, o qual sintetiza o próprio dever do existir do homem, tanto sob sua forma sistemática como assistemática. Por ser uma prática humano-social, encontra-se intrinsecamente disseminada na sociedade e, por isso, é imprescindível como elemento caracterizador de múltiplos *modus vivendi* de diferentes povos.” (2012, p. 121)

O ambiente escolar, por sua vez, representaria esse espaço determinado para as múltiplas vivências dos indivíduos, seria a prática humano-social apontada acima por Correa que a ciência antropológica através dos seus métodos de estudo, analisaria com maestria e destreza. Portanto, a relação entre antropologia e a educação se estabeleceria de forma reflexiva e contribuiria para a compreensão das questões fundamentais da escola: as culturas e as construções de identidades que permeiam o processo de aprendizagem e de socialização.

Sendo assim, é nosso objetivo tecer questões no âmbito escolar sobre as culturas e identidades e sua relação com o processo educativo, de aprendizagem e socialização. Focando sob o olhar antropológico suas diferentes formas de moldar que refletem nos comportamentos dos agentes envolvidos no cotidiano da escola e da sala de aula, que permeiam os seus saberes e seus fazeres e que além de construídos no ambiente escolar, atravessam seus muros e são receptivas as relações exteriores a instituição escolar.

Contudo, a trajetória da Antropologia leva-nos ao exercício da alteridade, ao desafio cabível a uma ciência voltada para o diferente, buscando incessantemente a superação da visão etnocêntrica que se propõe a conhecer o outro em seu contexto e suas particularidades. Reconhecer, como afirma Pereira-Tosta (2011), o diferente não como ameaça a ser destruída, mas

como alternativa a ser compreendida e respeitada para que tenhamos um patrimônio de esperanças da humanidade.

## 2. Compreendendo a noção de cultura

Para Cuche (1999, p.9) “a noção de cultura é inerente à reflexão das ciências sociais”, pois é necessário compreender as relações sociais além dos aspectos biológicos, entender a unidade da humanidade a partir da sua diversidade e entende-la como instrumento de transformação da natureza, pois o homem tem a capacidade de se adaptar ao meio e também de adaptar esse meio ao próprio homem. Na sua obra “A noção de cultura nas ciências sociais”, Cuche faz um levantamento da gênese da cultura no âmbito antropológico, se reportando desde século XVIII na França quando o termo cultura é referido a “educação do espírito” e “civilização”, no século XIX na Alemanha o termo estava ligado a tudo que era autêntico e contribuiria para o enriquecimento intelectual e espiritual.

Nesse contexto, encontramos a contribuição de Tylor sobre a noção de cultura quando afirma ser a cultura “expressão da totalidade da vida social do homem” (CUCHE, 1999, p. 35) que “tomada em seu sentido etnológico mais vasto, são um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade” (TYLOR, 1871, p.1), contribuições de Boas com a tentativa de olhar a diferença desvinculada da ideia de raça, de Durkheim ao vincular o termo cultura à noção mais ampla de social e de Lucien Lévy-Bruhl ao colocar no centro de seus estudos a noção de diferença cultural. O autor aponta outros antropólogos importantes na consolidação do termo e na construção de elementos universais de cultura a exemplo de Malinowski, Edward Sapir, Ruth Benedict, Margaret Mead e Lévi-Strauss.

Diante da construção pelas ciências sociais do termo cultura ao longo dos anos, muitas contribuições levaram ao que sabemos hoje e são aplicados às análises na contemporaneidade, o que confirma Rocha (2009, p. 19) ao afirmar que “a cultura como teoria e método constitui na reflexão sobre o conceito de cultura à luz de várias abordagens desenvolvidas pela antropologia ao longo do tempo”. O grau de complexidade a qual está ligado às relações entre os indivíduos e suas culturas leva-nos a indagar os valores e princípios que norteiam e manipulam os grupos. Tomando como referencia Ruth Benedict, Cuche afirma que

“toda cultura é coerente, pois está de acordo com os objetivos por ela buscados, ligados a suas escolhas culturais possíveis. Ela busca estes objetivos à revelia dos indivíduos, mas através deles, graças às instituições (sobretudo as educativas) que

vão moldar todos os seus comportamentos, conforme os valores dominantes que lhes são próprios. O que define então uma cultura, não é a presença ou ausência de tal traço ou de tal complexo de traços culturais, mas sua orientação global em certa direção” (1999, p. 77-78)

A coerência mencionada por Denys Cuhe que embasa os comportamentos nada mais é que desacordado ao homem, “a cultura não se decreta; ela não pode ser manipulada como um instrumento vulgar, pois ela está relacionada a processos extremamente complexos e, na maior parte das vezes, inconscientes.” (1999, p.15)

Ao fazer menção a Geertz, Correa (2012) fala do caráter casual da cultura, considerando sua historicidade e intencionalidade, “a cultura é um processo cumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores, que limita ou estimula a ação criativa do homem” (p.18), ela não é estática e nem passiva, pois está em constante modificação, se incorpora e se refaz constantemente. “Toda cultura é um processo permanente de construção, desconstrução e reconstrução. O que varia é a importância de cada fase, segundo as situações”. (SILVA, 2004, p. 137)

Vanda Silva, em sua obra Sertão de Jovens: Antropologia e Educação, ao se dispor com os jovens mineiros brasileiros em um trabalho etnográfico sobre a importância do processo educacional entre os residentes da zona rural e urbana do município de Chapada-MG aponta para o reconhecimento da pluralidade cultural existente nos grupos e que acaba por se estender para a educação e pressupõe a compreensão do seu “efeito de sentido” que “é resultado de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço” (BOSI, 1987, p. 7), ou seja, “para o grupo que se investiga existe um ‘significado presente’ que ordena as ações das pessoas através do costume” (SILVA, 2004, p. 23)

Os costumes praticados pelos indivíduos acabam por ser determinante para a manutenção e perpetuação da cultura local e das apropriações tidas pelo contato com outras, sendo então “a cultura e a ‘tradição’ fontes que jorram conteúdos valiosos que serão passados por meio dos costumes e práticas vividas pelo grupo, transmitidas, para os mais novos, pelos adultos e pelos pais através da educação informal” (SILVA, 2004, p. 25)

Oliveira (1976, p. 15) vai abordar que a educação informal promovida internamente pela cultura é também responsável pela construção das identidades quando diz que “se a cultura está diretamente ligada a construção de significados de um determinado grupo, também nesse emaranhado se dará a construção da identidade, individual e coletiva, marcada por um conteúdo reflexivo ou comunicativo que orienta o desenvolvimento das relações sociais”, sendo as instituições sociais responsáveis pela apropriação dos valores e da manutenção das práticas culturais.



Dado a devida importância à educação informal, a escola, por sua vez, exerce também relevância nessa ampla tarefa de construção do indivíduo, sendo que considerada formal sua participação na reelaboração da cultura é determinante para permanência e reconhecimento das diferenças culturais.

### **3. A Escola como espaço de culturalização**

É no convívio diário que os laços são construídos e reforçados, a convivência no ambiente escolar representa outro espaço de interação social, assim como a família, a religião e os grupos de encontros e possui forte importância na construção da identidade coletiva e individual, sobretudo dos jovens. Para Silva (2004, p. 81)

“é nesta convivência cotidiana que os jovens vão reelaborando valores, normas que lhes são passadas pelo grupo familiar-social, de tal maneira que determinados significados poderão ser ou não compartilhados por eles de forma semelhante ao grupo. Nestas negociações entre jovens e adultos dá-se um ‘processo’ de ‘socialização’ e de ‘juvenização’”.

Tende-se a acreditar que a escola tem como papel exclusivo na reprodução de conhecimento formal, científico e determinante para a formação profissional, desconsiderando sua contribuição no processo de socialização dos discentes, com relações impactantes na formação dos indivíduos, especialmente na juventude, onde as identidades e descobertas estão aflorando. Engana-se quem acredita que os valores advêm restritamente do âmbito familiar e que os jovens já chegam a escola por completo formado. Na verdade, “falar sobre juventude é o mesmo que falar sobre um universo oscilante, impreciso e variável” (SILVA, 2004, p.78), é na escola, também, que eles “vão construindo uma identidade pela frustração” (SILVA, 2004, p. 80).

A escola não se encontra sozinha no processo de socialização e formação do indivíduo, outras instituições tem contribuição determinante na elaboração dos saberes e na consolidação das práticas culturais.

A escola não é a única depositária de saberes elaborados ou de elaboração de saberes, de formação e socialização. Além da família e da religião, que, juntamente com a escola, são tidas historicamente como local dessa formação, outras instituições, como a mídia, o trabalho, as entidades da sociedade civil organizada, entre outras, também são depositárias dessa função. (...) as relações sociais na escola e fora dela se apresentam de modo muito mais complexo e mudam com muito mais velocidade e intensidade quando comparadas a períodos anteriores. (ROCHA, 2009, p.119)

Historicamente, as escolas receberam importâncias distintas para os indivíduos, levando em conta o contexto social, político e econômico ao qual estavam inseridos. Enxergar

que o contexto atual do país passa por um “processo de culturalização e onde a educação e a própria cultura são usadas como mecanismos de desenvolvimento social e transformação política da sociedade” (ROCHA, 2009, p.19) é reconhecer o papel da escola como determinante na reelaboração de comportamentos sociais baseadas em valores decorrentes do respeito a diversidade cultural. Segundo Correa,

“parece importante estruturar uma concepção educativa escolar cujo entendimento reside na importância de o aluno apreender novos conhecimentos que deem conta de permitir a ele que compreenda e traduza aquela diversidade em sua especificidade e natureza, para que o ato educativo possa se dar em consonância com os requisitos da diversidade cultural.” (2012, p. 125)

Aonde a relação entre educação e cultura exista nas práticas e nos projetos pedagógicos, que o reconhecimento da diversidade cultural esteja como slogan de educação apta para formação de cidadãos, desnaturalizando paradigmas e distanciando o que biológico do que é cultural, assim como afirma Cuche:

“Deve-se a escola ‘cultura e personalidade’ a ênfase na importância da educação no processo de diferenciação cultural. A educação é necessária e determinante entre os homens, pois o ser humano quase não tem programa genético que guie o seu comportamento. Os próprios biólogos dizem que o único programa (genético) do homem é o que o leva a imitar e aprender. As diferenças culturais entre os grupos humanos são então explicáveis em grande parte por sistemas de educação diferentes que incluem os métodos de criação de bebês (aleitamento, cuidados do corpo, modo de dormir, desmame, etc.) muito variados de um grupo a outro. (1999, p. 91)

Quando considera os aspectos biológicos do homem em detrimento dos aspectos culturais, Denys Cuche aponta para os ritos de passagem que os indivíduos vivenciam ao longo da vida e que é incorporada a cultura de cada grupo, sendo determinantes para sua formação social e cultural. Nesse sentido, Rocha afirma que:

“se, por um lado, cultura revela uma concepção teórica sobre a organização, a estrutura e o funcionamento dos sistemas simbólicos e de significados produzidos socialmente, por outro lado também representa um modo de conhecimento, pode-se dizer, um método de pensamento, na medida em que garante a coerência e produz sentido para as ações sociais desenvolvidas no âmbito fenomenológico da vida cotidiana.” (2009, p. 85)

Na escola, por sua vez, “não existe uma cultura única” (ROCHA, 2009, p.131), por isso a preocupação da antropologia em dá sentido e importância a suas mais diferentes formas de manifestações e consolidação em torno das práticas e saberes produzidos. “A cultura da escola é constituída de um mundo social que tem características próprias, seus ritmos e seus próprios ritos, sua linguagem, seu imaginário, seus modos de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e de gestão de símbolos.” (ROCHA, 2009, p. 131)

A escola precisa reconhecer as particularidades, as assimetrias culturais, assim como as simetrias, as semelhanças, sabendo que esse posicionamento pedagógico tem reflexos na sua organização interna, enquanto entidade política, e reflexos externos na vida dos discentes e suas relações além dos escolares. Conforme afirma Correa, “a educação aberta a diversidade cultural não emerge por razões pedagógicas exclusivamente, mas por motivos sociais, políticos e ideológicos” (2012, p.125), sendo uma prática que garante o reconhecimento de parte substancial de diversidade múltiplas e características próprias de grupos que, até certo ponto, encontra-se marginalizados nas discussões e fazeres escolares e da sociedade, a exemplo dos homossexuais, negros e mulheres).

#### **4. Qual o papel do professor no processo formador?**

A necessidade de reconhecimento da diversidade cultural no processo educativo precisa está pautada na prática pedagógica do educador, tomar sabido e entendido sua reponsabilidade diante da premência de novas interações, novos olhares e reflexões. De acordo com Rocha, “que a educação e escola, assim como todos os sujeitos, se constituem nas múltiplas interações que são estabelecidas cotidianamente, marcadas por relações de reciprocidade ou de disputas”. (2009, p. 19-20)

Para que esse processo interacional ocorra satisfatoriamente é preciso que a escola e seus personagens se percebam enquanto agentes transformadores e se desvincilhem das características antigas de escola, da rigidez e da perspectiva homogênea do público discente. Segundo Correa,

“eis uma possibilidade de se romper gradativamente com uma cultura escolar que impõe aos alunos uma cultura rígida, homogênea e, em grande medida, separada do universo social mais amplo que tem muito pouco a ver, geralmente, com a realidade familiar e social dos alunos. Isso traz a campo da educação uma série de desafios, tais como o respeito à diversidade cultural e religiosa e o redimensionamento das práticas educativas, a fim de adequá-las às recentes demandas por uma escola mais democrática, inclusiva e plural.” (2012, p. 132-133)

Ao professor, Rubem Alves faz uma critica severa quanto ao seu papel na formação do indivíduo, aponta como especialista em reprodução ideológica do Estado e o distancia veementemente do educador, que é fundador de mundos, mediador de esperanças, pastor de projetos (BRANDÃO, 1982) . Para ele, “ao distinguir o educador do professor, coloca o educador como aquele que se auto define por suas visões, paixões, esperanças e horizontes utópicos, do contrário do professor que é funcionário de um mundo dominado pelo Estado e pelas empresas” (1982, p.19)

Ildeu Coelho, por sua vez, reconhece os conflitos presentes no ambiente escolar de diferentes aspectos e sua relevância para a sociedade em geral, não seria diferente para a escola, sofre impactos conflituosos que refletem o cotidiano dos seus membros fora das salas de aula. Para ele,

“Enquanto práxis histórica e social, própria de homens concretos (educadores e educandos), situados num espaço social e num tempo determinados, a educação é perpassada de ponta a ponta por processos bem mais amplos e abrangentes: processos culturais, econômicos, sociais e políticos. Sendo a escola uma instituição da sociedade civil, nela se manifestam todos os conflitos, os antagonismos que constituem a existência delas”. (BRANDÃO, 1982, p.36-37)

Portanto, a escola nunca esteve ileso aos problemas sociais, da desigualdade social, de raça e de gênero, aos problemas políticos e os enfrentamentos e desarranjos culturais, nem os docentes, que enfrentam diariamente com os reflexos que esses fenômenos provocam nos comportamentos de todos os envolvidos no processo educativo, especialmente os jovens alunos que facilmente posicionam-se diante dos conflitos.

Enquanto que Paulo Freire aponta para a realização de um sonho, um sonho possível de educação libertadora e não domesticadora, de prática utópica. “Utópica no sentido de que é esta uma prática que vive a unidade dialética, dinâmica, entre a denúncia e o anúncio, entre a denúncia de uma sociedade injusta e exploradora” (BRANDÃO, 1982, p.100)

É possível identificar uma vasta preocupação na formação dos educadores para o reconhecimento e mudança de atitude diante desse novo processo de culturalização vivenciada pela educação. Rocha insiste na importância da relação entre antropologia e educação para esse papel de melhoramento do processo educacional, pois “as relações entre antropologia e educação, em meio a conjuntura atual, podem ser refletidas e dimensionadas a partir da efetiva interação de seus campos nos cursos de formação de educadores e nas práticas e saberes docentes por nós compreendidas como aquisições que são feitas cotidianamente nas relações que esses profissionais estabelecem em suas instituições, com seus pares, com seus alunos e com o próprio conhecimento.” (2009, p.120)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em busca de tornar concreto um estudo interdisciplinar entre a antropologia e a educação, muitas contribuições foram dadas por estudiosos das ciências sociais que corroboraram para uma vasta análise e enriquecida proposta de um fazer educacional mais humanizado e reputado. Conceituar a antropologia da educação seria sustentar a ideia de uma



atividade antropológica que consistiria na análise, organização, reavaliação e produção de saberes através das ciências da educação que se arrisque em desconstruir os conceitos de educação sob um olhar antropológico. De modo que “a antropologia seria uma forma de educação, bem como a educação só seria possível como prática antropológica” (ROCHA, 2009, p. 17)

A antropologia abria as portas à percepção sobre as múltiplas expressões culturais que atravessam o cotidiano escolar (ROCHA, 2009), permitindo compreender os inúmeros problemas ocorridos no entorno das salas de aulas, as falhas despercebidas nas subjetividades latentes, a diversidade de posicionamento político-ideológicos decorrente da desigualdade social, as crises de identidade e sua formação diante do mundo globalizado. Parafraseando Geertz, Rocha (2009) aponta para a fenomenologia do olhar, uma “sensibilização do olhar” diante da demanda que as escolas recebem anualmente, como ideia central da antropologia da educação.

Rocha acrescenta ainda que,

Para bem estabelecer conversações entre campos do conhecimento é necessária a adoção de uma abordagem interdisciplinar mais integradora de que costumeiramente se fala (...) essa parceria se faça como resultado de um esforço intelectual, com a consciência de que problemas e temas educacionais e escolares, mesmo sendo apresentados em formatos distintos e tratados, também, de maneiras distintas, podem encontrar-se no caminho dessas duas ciências. (p.118)

A interdisciplinaridade ocorrida no processo de análise não se limite a prática e formação docente, mas ao cotidiano escolar, ao reconhecimento dos múltiplos conhecimentos para a compreensão dos fenômenos dispostos na escola e refletidos no ambiente familiar e social, assim como o inverso também. Rocha diz que:

“Assim é que pensar o cotidiano é sempre pensar a realidade de modo interdisciplinar ou nas fronteiras de campos do conhecimento como a história e a antropologia, por exemplo. Dado que investigar a vida no fluxo de sua cotidianidade é tomar o real em suas múltiplas e complexas, porem, integradas dimensões, que não autorizam um ponto de vista fragmentado, por mais que tenhamos consciência dos limites da ciência e dos limites do pensador na pretensa atitude de conhecer um fenômeno social total.” (2009, 137-138)

Por fim, reconhecer a complexidade das relações, assim como de sua análise, daí a importância do olhar antropológico em junção com outras áreas do conhecimento, faz-nos concordar com Rocha sobre a infinita construção do conhecimento e na incansável busca pela análise social do cotidiano

“somente se tomarmos como premissa a ideia de uma incompletude antropológica do homem e, portanto, da própria antropologia é que podemos pensá-los como um campo do conhecimento em infinita construção, mas que nem por isso deixa de apresentar significativas contribuições para o pensamento humano em geral e para o conhecimento de determinadas realidades sociais e culturais em particular” (ROCHA, 2009, p.31)

Considerando o que foi dito acima, a escola e seus processos educativos são objeto de estudo com análises infundáveis e complexos, não sendo fonte esgotável sobretudo quando a preocupação estiver ligada a diversidade cultural, haja vista este está em constante mudança e provocando mudança concretas nos comportamentos humanos.

## **REFERÊNCIAS**

BRANDÃO, Carlos R. (Org.) **O Educador: vida e morte**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1982.

CORREA, Rosa Lydia Teixeira. **Cultura e diversidade**. Curitiba: Ibpex, 2008.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século Edições, 1999.

OLIVEIRA, R. C. **Identidade e identificação**. In: *Identidades, etnia e estrutura social*. São Paulo: Ênio Matheus Guazzelli & Cia. , 1976.

ROCHA, Gilmar; TOSTA, Sandra Pereira. **Antropologia & Educação**. Belo Horizonte: utêntica Editora, 2009 (Coleção Temas & Educação. 10)

SILVA, Vanda. **Sertão de jovens**. Antropologia e Educação. São Paulo: Cortez, 2004 (Coleção Questões da Nossa Época; v. 115)